

SUSTENTAÇÃO E QUALIFICAÇÃO: REVIGORANDO OS ‘ESPAÇOS DE FALA’ ENTRE OS JOVENS

OLIVEIRA, Sônia Borges Cardoso de (IP/ NIPIAC/ UFRJ)

Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada *Indiferença, o esquecimento do humano: um estudo sobre a importância dos ‘espaços de fala’ entre os jovens no contemporâneo* (2006), onde articulamos a questão da indiferença com a desestabilização em que se encontra o indivíduo contemporâneo, analisando seus efeitos na relação com o outro. Ressaltamos, porém, que o termo indiferença foi considerado de acordo com as seguintes acepções: “falta de interesse, de atenção, de cuidado; descaso, desinteresse, negligência” (Houaiss, 2001). Defendemos a idéia de que a concepção da indiferença enquanto inércia ou apatia obscurece, em nossos dias, o seu potencial de predação, pois acreditamos que ela se expressa pelo descaso à humanidade que se encontra no outro, pelo movimento que o desqualifica e que afeta a sua integridade moral e emocional.

O panorama a partir do qual buscamos olhar a expressão da indiferença em nossos dias, comporta a constatação de um momento que se pauta pela urgência, pela velocidade e pelo conseqüente estreitamento do campo de elaboração, onde o indivíduo, frente às demandas externas de constante atualização de suas qualificações é convocado a desenvolver uma capacidade de se reinventar e de permanecer estável em um ambiente instável e competitivo. Diante desse cenário, assiste-se ao enfraquecimento dos laços entre os indivíduos e ao esquecimento do humano. Assim, os efeitos da indiferença se traduzem na crença de que não somos necessários e de que não podemos contar com o outro. A fim de verificar como os jovens respondem a esse cenário social, elegeu-se como foco de observação três turmas de jovens da 8ª série, com idade entre 13 e 14 anos, de uma escola particular da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A partir das reflexões e discussões em grupo – aqui considerados como espaços de mobilização do sentir e do pensar através da fala – se investigou como a indiferença se fez presente no âmbito das relações e das discussões desses grupos de jovens. Os jovens com os quais trabalhamos embora privilegiados socialmente em uma cultura do bem-estar, nos revelaram, no seu encontro com o outro, com o diferente, a fragilidade de seus laços. Fragilidade disfarçada pela atuação da hostilidade e da indiferença, encobrindo a solidão de não se sentirem ligados e, portanto, reconhecidos.

A manutenção do trabalho durante os seis meses de sua realização, de junho a novembro de 2003, uma vez consideradas as dificuldades de se manter o seu desenvolvimento dentro da instituição escolar – durante a sua realização o trabalho ocupou parte da carga horária escolar dos jovens –, nos mostrou a importância de sustentarmos as nossas posições enquanto pesquisadores. Posições estas, pautadas não em um saber previamente estabelecido, mas disponibilizadas enquanto passíveis de serem afetadas e até mesmo questionadas em suas capacidades de lidar com a imprevisibilidade, com as dificuldades e com o desconforto da imersão em campo, a fim de que se pudesse qualificar e significar os acontecimentos provenientes da própria intervenção junto aos grupos de jovens. Esse posicionamento incluiu sensibilidade, análise, acolhimento e sustentação das possibilidades narrativas que tanto jovens, quanto coordenadoras de atividades e profissionais da instituição que estiveram envolvidos no projeto, puderam expressar.

No que tange especificamente a proposta deste texto, estaremos priorizando a perspectiva metodológica com que o trabalho de campo que foi realizado, onde o procedimento metodológico “grupos de discussão” (Castro, 2003) encontra lugar dentro da equipe de pesquisa que desenvolveu o trabalho junto aos jovens – equipe de pesquisa do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), coordenado pela profa. Lucia Rabello de Castro, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – como um instrumento de facilitação ao exercício da subjetividade enquanto um processo compartilhado. Antes, porém, faremos breve explanação de uma das vertentes teóricas através da qual olhamos o trabalho desenvolvido em campo.

Um dos temas que abordamos versa sobre o sofrimento contemporâneo. A questão do sofrimento ganha sentido ao supormos a existência de um sofrimento encoberto pela indiferença, assim, no capítulo intitulado “ ‘A fala submersa’ : incursões acerca do sofrimento contemporâneo”, buscamos articular a produção da indiferença em nossos dias como originária do sofrimento em que se encontra o indivíduo contemporâneo. Consideramos como sofrimento a sua própria invisibilidade, sua não representação, que dada a desestabilização em que se encontra em sua condição de indivíduo contemporâneo, encontra-se amordaçado pela sua simplificação e banalização, ou seja, sem derivativos culturais para lhe dar voz,

expressão. Para falar do sofrimento do indivíduo contemporâneo nos apoiamos em alguns autores como Sennett (2004), Lipovetsky (2004), Enriquez (2004) entre outros.

Um primeiro aspecto levantado diz respeito às contradições a que o indivíduo está sujeito. Para sobreviver às crescentes mudanças no mercado de trabalho, o indivíduo tem que se adaptar a um cardápio de renovação constante de suas habilidades, ao mesmo tempo em que a exigência de rapidez de reposta e o tempo necessário para a produção dessas novas habilidades não se coadunam com o tempo interno do sujeito para compreender o que lhe ocorre. O resultado é que, ou o indivíduo retorna para si o fracasso de não corresponder às novas exigências externas – o que é definido por alguns autores como processo de culpabilização do sujeito (Guareschi, 2001, p. 150) – ou se torna voraz. Esses aspectos são traduzidos através do desenvolvimento do perfil do indivíduo “vencedor” como apontam Enriquez e Sennett (2004). A voracidade por sua vez, se expressa pela exacerbação da competitividade, expansão das desigualdades e das áreas de indiferença, com pessoas sendo tratadas como descartáveis tão logo sejam consideradas desnecessárias. Um outro aspecto que trazemos como expressão do sofrimento no contemporâneo, diz respeito ao que Lipovetsky (2004) denomina de “o poder do regime presentista” (Lipovetsky, 2004, p. 77). Nessa modalidade o tempo é um bem rarefeito, onde os indivíduos encontram-se pressionados pelo crescente processo de aceleração, resultando na supressão do processo de elaboração em favor do imediatismo da ação. As consequências da vivência dessa temporalidade se apresentam na propagação de áreas de devastação psíquica, com a multiplicação de indivíduos sofrendo de ansiedade, angústia, solidão e outros sofrimentos silenciados.

Com relação aos jovens, buscamos analisar a propagação dos ‘atos adolescentes hoje’, prioritariamente dos jovens de camadas socialmente privilegiadas, como reflexo do estreitamento do campo de elaboração (Mayer, 2001), fragilidade das referências parentais e falta de perspectiva quanto ao futuro. Assim, localizamos e nominamos o sofrimento desses jovens como uma resposta ‘ao tudo dado’, como se não houvesse lugar para a espera nem a criação de um tempo que implicasse em um investimento de suas buscas. Como se, ao não encontrarem contenção ao mais sempre querer e obter, buscassem na concretude de seus atos – por vezes de forma drástica, quando se manifestam diretamente contra terceiros, ou até mesmo contra eles mesmos como no caso do uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas – a consistência de um sentido para sua existência. Um sofrimento indefinível, não aparente, mas

que se revela em um agir sem fronteiras. Ponderamos, portanto, que quando a cultura do bem-estar e da auto-realização acena claramente, não tão somente para a convivência refratária, mas principalmente para a supressão do outro, talvez possamos compreender porque para alguns jovens, sobretudo para os de classe média e média alta, seja-lhes tão difícil a compreensão de uma convivência em que não estejam incluídas as suas vontades. Sempre atendidos em suas demandas os jovens exacerbam o seu querer sem que lhes seja requerida nenhuma responsabilidade para a sua realização. Nesse sentido podemos pensar que para esses jovens, a vontade atendida, como obra do interminável, assegura-lhes a solidão do excesso. A falta de limite para fazer frente às suas vontades conduz os jovens a um excesso de liberdade de suas ações que parecem não ter fim. Por outro lado, esse excesso, quer seja de suas ações ou das vontades atendidas, lhes tira a possibilidade de se haverem com a dificuldade e o trabalho necessário que dão sustentação à construção de si mesmos. Pensamos, no entanto, que a relação que se estabelece entre pais e jovens em nossos dias, é também atravessada pelas condições de vida em que nos encontramos, onde o processo de subjetivação no contemporâneo, encontra-se permeado por demandas externas que distorcem a percepção de si e logo, a percepção do outro.

Como nos falam Enriquez e Carreteiro (2005), assistimos a novos modos de subjetividade onde o “indivíduo vive o excesso, a temporalidade instantânea, a urgência, a velocidade, acompanhados por tendências sempre grandiosas, buscando possuir o que Kernberg (1981) chama de ‘ego grandioso’ ” (Enriquez & Carreteiro, 2005:157). A esse respeito, os autores assinalam como as exigências externas, verificadas nas atribuições para que o indivíduo ascenda a um perfil ‘vencedor’ – que na verdade se expressa na exigência em desenvolver uma capacidade de se bastar e abster-se da dependência do outro – se estendem à esfera familiar: “Também na vida familiar é preciso que, enquanto cônjuge, seja atraente para não criar rupturas, e, enquanto pai (ou mãe), acolhedor, para não deflagrar a revolta dos filhos” (Enriquez & Carreteiro, 2005, p. 158). Por outro lado, conforme afirmam, esse mesmo gestor se percebe como ‘mercadoria’, o que inclui a expectativa de ser apreciado e o temor de ser desvalorizado.

Dessa forma, consideramos que o universo em que se dá a indiferença na constituição emocional do sujeito contemporâneo, encontra lugar nas distorções da percepção de si e do outro. Nessa perspectiva, o indivíduo se encontra em dificuldades com o seu próprio destino

enquanto humano, pois mostrar fragilidade, solicitar ajuda, ou demonstrar dependência do outro, qualifica-o como pouco apto à sobrevivência no mundo de hoje.

Durante o trabalho do qual participamos junto aos jovens da escola citada, um dos aspectos que mais nos chamou a atenção, foi a dificuldade que os jovens apresentaram para confiar aos colegas suas opiniões e para reconhecer, ou mesmo aceitar, a existência de vínculo entre eles. As possibilidades de interação revelaram-se através de sua própria negação, assim, um dos sofrimentos visíveis durante a realização desse trabalho, foi a expressão da indiferença e da hostilidade, não somente entre eles, como também em relação às coordenadoras/pesquisadoras. A travessia durante esses seis meses de trabalho, comportou a habilidade de lidar com essas expressões, o reconhecimento da mobilização dos sentimentos aí gerados, para que as coordenadoras pudessem estar de fato abertas à percepção de outros sentidos que essas manifestações poderiam estar significando.

No capítulo intitulado “Trajetória de um encontro: construindo ‘espaços de fala entre os jovens’ ” tratamos da análise qualitativa do trabalho de campo e de como foi possível a apreensão dessas novas significações. As três turmas de jovens eram compostas por uma média de 21 alunos, com idades entre 13 e 14 anos, formadas por aproximadamente 40% de meninas e 60% de meninos. Foram realizados cinco encontros em cada uma delas, ocupando dois horários de aula, equivalendo à duração de uma hora e quarenta minutos. Participaram duas coordenadoras/pesquisadoras em cada turma e uma professora da escola. Esse trabalho integrou umas das vertentes do sub-projeto “Jovens pelos Jovens”, desenvolvido pelo NIPIAC. Nossa ligação com o projeto se deu da seguinte forma: diretamente ligada como co-coordenadora de um dos grupos, e indiretamente ligada aos outros dois grupos através de duas vias. A primeira se deu por meio do acompanhamento dos trabalhos durante as reuniões de pesquisa que realizávamos semanalmente. A segunda, através da intermediação que nos cabia como elo de comunicação entre a escola e o núcleo de pesquisa.

A parceria com a instituição escolar para o desenvolvimento do projeto, remonta ao ano de 2001, quando foram realizados pelo NIPIAC, sob a coordenação da Profa. Lucia Rabello de Castro, dois sub-projetos, “Cidade em Imagens” e “Oficinas da Cidade”, ambos utilizando a metodologia “Grupos de Discussão”. O projeto “Oficinas da Cidade” conjugou pesquisa e intervenção clínica, numa série planejada de encontros de grupos, cujo objetivo

geral, foi promover a discussão, reflexão e imaginação sobre aspectos da experiência na cidade, e o subprojeto “Cidade em Imagens”, comportou, a partir da elaboração de três vídeos didáticos produzidos pelo NIPIAC (1999), grupos de discussão com crianças, jovens e adultos, sobre o viver na cidade. Após a finalização desse projeto, a escola solicitou a continuidade do trabalho, não mais com os vídeos, mas que se pudesse valer de outro instrumento de mobilização e discussão com os jovens. Foi no segundo semestre de 2002, que iniciamos, escola e núcleo de pesquisa, um longo período de negociação, adaptação e discussão, sobre como se poderia dar continuidade a um trabalho que pudesse se constituir em uma parceria de fato. A inflexão, *de fato*, significava que, ao longo dos trabalhos já realizados na instituição, considerávamos que se fazia necessário que a escola encontrasse uma forma, através de algum modo que elegeisse e fosse discutido em equipe, que se configurasse em sua implicação no desenvolvimento do projeto, ou seja, que explicitasse a sua vontade e desejo de manutenção do mesmo. Assim, deu-se andamento ao desenvolvimento do subprojeto “Jovens pelos Jovens”, vinculado ao projeto de pesquisa “Infância, Juventude e Participação Social: a construção de subjetividades políticas no contemporâneo”¹. O subprojeto foi então proposto à instituição com o objetivo de criar um espaço de discussão e reflexão dos jovens em seu espaço de estudo, considerando que, o cronograma muitas vezes corrido e a necessidade de dar conta do vasto conteúdo nas disciplinas escolares, muitas vezes deixam de fora a discussão de temas mais próximos do cotidiano das crianças e jovens (NIPIAC, 2002).

A escola compreendeu a sua implicação a partir da participação dos professores durante os grupos de discussão com os jovens. Assim, a proposta, para se dar como parceria, foi entendida pela equipe de pesquisa como sendo um trabalho que poderia ser aproveitado pelos professores ao associarem os temas ali discutidos aos conteúdos que estariam desenvolvendo em suas aulas. Esses dados se tornam relevantes por entendermos que o olhar sobre o trabalho desenvolvido com os jovens, deve ser visto como um trabalho que está temporalmente vinculado a uma história entre a equipe de pesquisa e a instituição. A relevância dessa colocação encontra-se, por exemplo, no fato de que à ocasião em que estávamos negociando a implicação da instituição com o projeto, a coordenadora escolar temera não conseguir corresponder às atribuições implicadas na parceria. Embora durante a análise do trabalho tenhamos evidenciado essa dificuldade, vale ressaltar, que ao olharmos o

¹ Projeto de Pesquisa desenvolvido no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporânea (NIPIAC/UFRJ) sob a coordenação da Pr^{fa} Lucia Rabello de Castro.

percurso do trabalho junto a esta instituição escolar – que se deu ao longo de três anos – percebemos que houve um avanço na participação e implicação da instituição.

Dentro da perspectiva de nosso tema, quando falamos em um tempo de ‘presentismo’, onde há a dificuldade de se construir narrativas que possam ser contadas e que não se esvaíam no presente difuso e, da importância em nossos dias, de provermos espaços para a elaboração subjetiva das vivências do indivíduo contemporâneo, consideramos esse trabalho como um acontecimento que se encontra respaldado, pela manutenção no tempo, no envolvimento de várias pessoas. Um trabalho, que embora realizado em 2003, remonta a uma história que teve início em 2001.

O projeto comportou a apresentação de textos preparados por jovens universitários, com conteúdos oriundos de resultados de outras pesquisas feitas com jovens, que tratavam de temas afins a esse cotidiano. Após as discussões, o objetivo era que os jovens elessem uma forma própria de expressarem os conteúdos discutidos: poderia ser através de outro texto, ou outra expressão artística que escolhessem. A proposta inicial da nossa parte, era que o trabalho fosse desenvolvido no espaço intervalar de no máximo 15 dias, porém, devido às dificuldades e possibilidades da instituição escolar, o projeto foi realizado com espaçamento médio de trinta dias entre um encontro e outro. Esse dado se tornou significativo ao observarmos o processo do trabalho. Os intervalos, devido a sua dimensão, exigiram das coordenadoras/pesquisadoras habilidade para recuperarem, em cada encontro, os sentidos produzidos nos encontros anteriores, de forma que ao final de todo o processo foi possível reconhecer o seu desenvolvimento.

Ao examinarmos como a indiferença se manifestou entre os adolescentes observados, consideramos a expressão emocional dos participantes durante o trabalho. Com isso queremos dizer que a indiferença se apresentou não como um estado fechado e taxativo, mas observada ao longo do desenvolvimento do projeto que, através de uma metodologia que priorizou a discussão em grupo e a abertura aos emergentes grupais, possibilitou a criação de um espaço onde as emoções puderam se revelar, de forma que, tanto as coordenadoras/pesquisadoras quanto os jovens e a professora envolvida, vivenciaram a experiência de se sentirem afetados por tantas outras expressões que puderam se apresentar.

O trabalho com os jovens apontou para cinco momentos distintos, identificados por uma gradativa transformação na percepção do outro: inicialmente o mal-estar e o estranho foram considerados como estando do lado de fora; as defesas internas para lidar com a alteridade se expressaram através da afirmativa de serem todos iguais e de não existir grupo dentre eles, o que foi contraditado pelas cisões internas dentro do próprio grupo, momento em que o estranho aparece como o outro que habita o próprio grupo; a confecção de cartazes teve a função de um 'fazer coletivo', no entanto, durante o processo de formação dos subgrupos, pudemos observar que alguns jovens se sentiam deslocados no grupo; o se apresentar para os colegas fez eclodir sentimentos de angústia e o temor de desaprovação; mudança emocional do grupo acenando com os primeiros sinais de vínculo com as coordenadoras, ocasião em que pareceram querer retificar a hostilidade e a indiferença com que muitas vezes se colocaram durante o trabalho. A sistematização da evolução do trabalho nessas fases, não correspondeu necessariamente a uma evolução cronológica, mas teve a função de demarcar os pontos principais de cada encontro, facilitando uma visão geral do trabalho como um todo. O processo foi dinâmico, de forma que os acontecimentos se intercalaram tecendo o que denominamos de evolução.

Assim, o trabalho feito com os jovens nos mostrou a importância dos 'espaços de fala' como um instrumento significativo para a elaboração de suas vivências, lhes permitindo transmutar das expressões com que se apresentaram no modo como se relacionavam com os colegas no espaço escolar e com as coordenadoras que encaminharam o trabalho – muitas vezes com hostilidade, indiferença e descaso com o outro –, para outras expressões e formas de convivência. Mostrou-nos a importância, da manutenção no tempo, de se investir na construção de espaços de palavra compartilhada onde os jovens possam se ouvir junto às falas de outros jovens e assim significar e resignificar os sentidos e os sentimentos de seu viver. Foi preciso que estivéssemos ali, sustentando cada passagem. Estar ali significava aceitar que nem sempre estava sendo fácil, agradável e, que nem toda tentativa de neutralidade, nos impediria de nos sentirmos em um terreno instável. Ao contrário, nos impediria de percebermos as nuances, de lermos em nossas próprias sensações o que se dava à nossa volta, o que se dava entre jovens. Poder estar ali, significava aguardar os seus silêncios e nos oferecer de modo a não nos deixarmos abater ou querer mudar o curso que se apresentava. Estar ali significava sustentar, com todo o rigor que a palavra exige – segurar

por baixo; servir de escora a; impedir que caia; suportar, apoiar² –, o conteúdo que nos traziam e a forma como traziam.

No quinto encontro, momento de finalização do projeto, os jovens ainda usaram ‘os espaços de fala’ para expressarem suas dores, falarem de seu ódio pelos colegas e pela escola. Mas percebemos, através de pequenos gestos, de algumas palavras, e de algumas perguntas dirigidas às coordenadoras, uma nova tessitura afetiva em relação às coordenadoras: *“Você gostou da gente? Vocês se sentiram rejeitadas pelos alunos? Vocês fizeram esse trabalho em outras escolas? Se sim, como foi a receptividade? Vocês vão escrever algo sobre a gente?”*³. Entendemos essas perguntas como sendo a forma que os jovens encontraram para dizer como se perceberam durante o trabalho e a maneira de expressarem o temor de serem rejeitados pelas coordenadoras e assim não serem reconhecidos como jovens que teriam com o que contribuir.

A perspectiva com que lidamos com o conteúdo do discurso dos jovens durante “os grupos de discussão” comportou a associação dos próprios discursos das coordenadoras, suas observações e a expressão de suas sensações, que teceram, junto às falas dos jovens, o percurso de um encontro que se deu ao longo de seis meses de trabalho, entrecortados por distâncias temporais significativas, mas unificadas pela qualificação do que foi possível vislumbrar no pouco tempo de sua realização. Vislumbre que só se fez possível, ao nos permitirmos significar o que aparentemente não se mostrava visível. Como nos coloca Castro (2004), a particularidade alia-se à imprevisibilidade no processo de pesquisa, e ali, no ato da pesquisa, apreenderemos o novo, ao nos deixarmos tocar, afetar, pelo imprevisível.

Assim, ao pensarmos a indiferença como uma das expressões do viver contemporâneo, acreditamos que o exercício de um “nós”, intermediado pela ação discursiva, permite que os jovens possam se ouvir junto às falas de outros jovens e assim significar e resignificar os sentidos e os sentimentos de seu viver, abrindo a possibilidade de outros modos de convivência humana.

Referências Bibliográficas

AURÉLIO, **Dicionário Século XXI** Versão Eletrônica.

² Uma das definições de sustentar. Dicionário Aurélio – Versão Eletrônica, XXI

³ Relatório “Jovens pelos Jovens”, NIPIAC, 2003.

AZEVEDO, A & SILVA, C. **Relatório do Projeto Jovens pelos Jovens**. Rio de Janeiro: NIPIAC/UFRJ -11/ 06/2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, S. & ASSIS, D. **Relatório do Projeto Jovens pelos Jovens**. Rio de Janeiro: NIPIAC/UFRJ -13/ 06/2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, S., ASSIS, D. & SILVA, C. **Relatório do Projeto Jovens pelos Jovens**. Rio de Janeiro: NIPIAC/UFRJ -25/ 08/2003; 04/10/2003; 17/10/2003; 07/11/2003.

CASTRO, L. R. Infância , juventude e participação social: a construção de subjetividades políticas no contemporâneo. In: **Cientistas do Nosso Estado**, Edital 2002.

_____. **Grupos de Discussão com Adolescentes: confrontando o “singular” na pesquisa e na prática clínica**. In: III Congresso Norte Nordeste de Psicologia, 2003, João Pessoa. Resumos do III Congresso Norte e Nordeste de Psicologia, 2003. Vol. I p. 87.

_____. Notas Metodológicas. In: _____. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. pp. 235- 248.

DE ALMEIDA CORREA, J. & JUNCKEN, E. **Relatório da discussão dos Relatórios Finais das Trajetórias do Projeto Jovens pelos Jovens em escola particular**. Rio de Janeiro: NIPIAC/UFRJ, 2005.

ENRIQUEZ, E. O outro, semelhante ou inimigo? In: Novaes, A. (org) **Civilização e barbárie**. São Paulo: companhia das Letras, 2004. pp. 45 – 59.

ENRIQUEZ, E. & CARRETEIRO, T. O Ódio e a Mercantilização dos Humanos. In: **PSICOLOGIA CLÍNICA** – Pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. V. 17. 1 Seção temática: Clínica e Cultura, 2005. pp. 151-159.

GUARESCHI, P. Pressupostos Psicossociais da Exclusão: Competitividade e Culpabilização. In: Sawaia,B. (org) **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. pp. 141 – 155.

HOUAISS, **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão Eletrônica, 2001.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MAIYER, H. Passagem ao ato, clinica psicanalítica e contemporaneidade. In: Cardoso, M. (org) **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2001. pp. 81 – 101.

MONTEIRO, R. & FERREIRA, L. **Relatório do Projeto Jovens pelos Jovens**. Rio de Janeiro: NIPIAC/UFRJ -21/ 08/2003; 01/10/2003; 22/10/2003; 05/11/2003.

NIPIAC. **Projeto Jovens pelos Jovens**. Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, S.B. CARDOSO DE. **Indiferença, o esquecimento do humano: um estudo sobre a importância dos 'espaços de fala' entre os jovens no contemporâneo**. 2006. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.